



$\lambda$  Faculdade de Letras  

---

Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS

**OS CAMINHOS DA SAUDADE: A TRAVESSIA DO SENTIR**

JULIANA BRANDÃO LESSA

Rio de Janeiro  
2023

JULIANA BRANDÃO LESSA

DRE: 117.276.998

**OS CAMINHOS DA SAUDADE: A TRAVESSIA DO SENTIR**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como Requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português- Inglês.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Guimarães de Faria

Rio de Janeiro  
2023

## **Agradecimentos**

Previamente, gostaria de deixar claro que são tantas pessoas às quais eu gostaria de dedicar os meus agradecimentos, que não acredito ser capaz de fazê-lo em um espaço tão pequeno.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que é uma força que eu ainda não consigo compreender mas que tenho certeza que existe pois senti sua força e proteção em todos os momentos. Ele me fez acreditar que este sonho era possível.

À minha mãe, Ana Lucia, que fez um esforço imensurável na minha criação e sempre me ofereceu o melhor que pode, com todo o seu coração. Ela nunca duvidou de mim, mesmo que eu o fizesse constantemente.

Agradeço também a minha avó, Dirce, que sempre buscou me mostrar a luz em meio à escuridão e aos meus tios, Luciano e Jorge, que foram essenciais na construção da minha identidade, assim como minha prima Sarah.

Um agradecimento especial também aos meus amigos: Adriano, Ana Caroline, Clara, Isabelle, Paloma e Thayanna que tornaram essa caminhada um aprendizado tão belo e divertido.

Também dedico à minha amiga Letícia Dornelas, que me acompanha há muitos anos, que dedicou parte de seu tempo me ajudando a editar esse trabalho, que entende meus medos e me ajuda a enfrentá-los.

Por fim, agradeço à Maluh, minha orientadora, que sempre foi paciente, gentil e me orientou com delicadeza e respeito, sem duvidar do potencial das minhas ideias. Ela foi essencial na minha trajetória pois, através de suas aulas, descobri que não poderia fugir da literatura, que é parte de quem eu sou. Obrigada por ajudar a traduzir meus pensamentos.

Pouco a pouco, as dores viram água. Viram memória. As memórias vão com o tempo, se desfazem. Mas algumas não encontram consolo, só algum alívio nas pequenas brechas da poesia. Você é minha memória inconsolável.  
(Filme ELENA, Netflix, 2012)

## **Resumo**

A saudade é um sentimento comum a todos nós e é possível afirmar que cada um consegue experimentá-la de uma maneira singular. Contudo, o que é comum a todos os que sofrem de saudade é a constante sensação de ausência provocada por ela, seja de algo que já aconteceu e queremos reviver, do que as surpresas da vida ainda irão proporcionar e nos deixará uma falta a partir dali ou, e talvez principalmente, de coisas que apenas existem em nossos pensamentos. Todas essas saudades compõem um só sentimento, capaz de nos paralisar ou nos fazer seguir adiante. É o que fazemos com as nossas saudades que eterniza os momentos em nosso coração. Neste trabalho, busco refletir sobre como a literatura, mais especificamente a obra de Guimarães Rosa, nos ensina sobre os caminhos a que a saudade nos leva e como somos criados e recriados através dela.

## **Abstract**

Longing is a feeling common to all of us and it is possible to say that each one can experience it in a unique way. However, what is common to all those who suffer from longing is the constant feeling of absence caused by it, whether it is something that has already happened and we want to relive, what the surprises of life will still provide and cause a lack in us ever since, or, and perhaps mainly, of things that only exist in our thoughts. All these longings make up a single feeling, capable of paralyzing us or pushing us forward. It is what we do with our longing that eternalizes the moments in our heart. In this work, I seek to reflect on how literature, more specifically Guimarães Rosa's work, teaches us about the paths alongside which longing takes us and how we are created and recreated by this feeling.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>1. A saudade.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Os caminhos de amor e saudade.....</b>	<b>13</b>
<b>3. A travessia solitária da saudade .....</b>	<b>19</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>25</b>
<b>Referências .....</b>	<b>28</b>

## Introdução

O tema da saudade diz respeito a um sentimento que é conhecido de todos nós e especial para mim. Toda a minha vida, reconheci em mim os mais variados tipos de saudade e os sentimentos que ele trazia consigo. Durante a pandemia, essa importância que o sentimento ocupou em mim foi ainda maior e ressaltou um papel fundamental que ele desempenhava: a vontade de viver.

O ato de sentir saudade implica em diversas emoções ao longo da vida e em se reconhecer em momentos que talvez não voltem mais. Nos últimos anos, fiquei saudosista de quem eu era, das coisas que eu gostava e das pessoas que eu amava e das quais tive que me manter distante. Entretanto, as barreiras físicas não eram capazes de afastar de mim as pessoas que viviam em mim.

Dessa maneira, passei a compreender a saudade de uma forma diferente, entendendo que ela tem um lado positivo, o que me fazia querer reviver minhas saudades e criar novas. Foi assim que acabei despertando para a leitura novamente, que sempre foi um dos meus maiores refúgios em tempos difíceis ou quando eu precisava me reencontrar. Nesse momento de introspecção, resolvi me aventurar em um autor que sempre me interessou, mas com cuja escrita eu não tinha contato.

Pensando nisso, me aventurei a compartilhar meus momentos de solidão com *Grande sertão: veredas*, e me encantei com a sensibilidade de Guimarães Rosa e seu protagonista que me fazia viajar através das suas vivências e me identificar com diversos trechos do livro. Dentre os temas que mais me emocionaram, a saudade foi o mais marcante. A forma da narrativa me trazia sempre a sensação de que podemos viver novamente emoções que consideramos únicas e reinaugurar a nós mesmos em todas elas.

A saudade me parecia um elemento crucial para nos entendermos a nós mesmos, confrontar nossa trajetória, reinventá-la. Eu era uma pessoa ao início do livro, fui outra ao longo dele e totalmente diferente ao final. Eu queria compartilhar aquela sensação de que viver de saudade, como aquele narrador parecia viver, não era ruim, mas sim um impulso para cada vez mais aprender a existir dando voz às nossas emoções mais profundas.

A partir disso, decidi que eu escolheria falar sobre a saudade, principalmente essa, tão bonita e esperançosa, que era narrada nas obras de Rosa. Além disso, a literatura sempre ocupou um papel central na minha vida e eu não poderia deixar de lado essa conexão. Ao ter mais contato com as obras do autor, fiquei cada vez mais impressionada com a forma com que ele



lidava com a saudade em suas estórias e com o modo como seus personagens eram capazes de espelhar sensações tão semelhantes às experimentadas por mim, em algum momento na vida. Posto isto, neste trabalho estou reunindo as reflexões que deparei das minhas leituras, compreensões de livros relacionados ao tema e da minha própria experiência.

No capítulo intitulado “A Saudade”, faço uma breve apresentação da origem do termo saudade, suas possíveis acepções e as formas pelas quais ela costuma se anunciar. Também menciono nele a possibilidade de sentir saudade de coisas que ainda não chegaram a existir.

No capítulo “Os caminhos de amor e saudade”, abordo a estória “Sequência”, do livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, na qual a saudade se manifesta de forma explícita e é citada pelo nome em várias passagens. Neste capítulo, reflito sobre como a saudade vai se descobrindo ao longo do caminho dos personagens e do resultado de amor que é o final daquela travessia.

Em “A travessia solitária da saudade”, reflito sobre “A terceira margem do rio”, do mesmo livro, observando como a saudade se encontra presente em vários momentos da estória, ainda que de forma implícita. Neste capítulo, a saudade vai sendo revelada através da análise da maneira como o filho narra os acontecimentos que resultaram em sua solidão.

Por fim, nas considerações finais, encerro meu trabalho indicando o papel fundamental que a saudade desempenha no decorrer de ambas as estórias e no desenvolvimento dos personagens delas. Ainda que apresentem finais completamente diferentes, elas partem desse ponto em comum e revelam lados diferentes de sentir saudade e do que fazer com a ausência.

Portanto, já consigo estabelecer nesta introdução que acredito que a saudade não foi uma escolha minha, mas sim um chamado. Assim como o filho do fazendeiro de uma das estórias analisadas neste trabalho, eu recebi um chamado da saudade e respondi a ele. A escolha foi mais fácil do que desenvolvê-la, mas dediquei a ela o melhor de mim.

## 1. A Saudade

A palavra saudade pode agregar muitos significados e sensações. Um dos que mais se destaca é o sentimento de falta de algo ou, principalmente, de alguém. Esse sentimento, ainda que muito antigo na história da humanidade, parece ser representado com esse nome há pouco mais de 600 anos nas obras literárias de língua portuguesa. Há muito se sente saudade, mas nem sempre está é retratada por seu devido nome.

Partindo dessa premissa, o sentimento causado pela saudade é uma sensação comum a todos os seres humanos, ainda que existam diferentes maneiras de expressá-la, tanto verbalmente quanto fisicamente. Dessa forma, refletir sobre a origem do termo saudade pode conduzir a mais de um caminho, incluindo a possibilidade da existência de uma pluralidade de “saudades”, visto que as identidades coletivas se definem também por emoções. Aliás, é possível atribuir uma multiplicidade de sentimentos ao significado tão amplo do termo “saudade”.

Quando se pensa em saudade, é comum não questionar sobre a origem dessa palavra e dos outros sentidos por trás dela, afinal, muitos pesquisadores acreditam que essa palavra, tanto quanto o sentido principal atribuído a ela, seja um marcador de identidade exclusivamente portuguesa. Entretanto, seria muito pretensioso acreditar que em outras línguas e culturas não exista um par linguístico ou outra expressão capaz de exprimir a profundidade desse sentimento.

Conseqüentemente, considerando a ideia de que a saudade representa a falta, a origem mais próxima do significado atribuído a ela na língua portuguesa provavelmente surgiu do termo em latim *solitate* que significa “solidão”, o que, de fato, seria plausível pois uma das inquietudes provocadas pela saudade é o sentimento de solidão, mas este não é o único. Isso indica que, no português, oriundo do galego, ocorreram alterações de sentido, agregando mais de um incômodo ao conjunto do que se considera saudade:

Apesar de todas as discordâncias no que se refere a sua tradução, um dos primeiros elementos postos em relevo é o da solidão, já que a maioria dos linguistas consideram antes de tudo sua raiz latina *sol*, encontrada no plural do nome latino *solitates*. A esse elemento se acrescenta o da ausência. Na verdade, é através da reunião desses dois sentimentos que a saudade toma realmente forma (Jesus, 2015, p. 46).

Dessa forma, a tentativa de entender a origem de uma das palavras mais bonitas da língua portuguesa permite inferir que a percepção sobre ela também seja capaz de transformar seu sentido. Ou seja, a maneira como cada um sente saudade influencia na construção de seus significados individuais e coletivos. Ainda que nenhuma palavra estrangeira consiga descrever a saudade portuguesa, também não poderia descrever a brasileira ou qualquer outra pois,

seguramente, a representação de saudade que existe na literatura brasileira tem sua herança na literatura portuguesa, mas cada uma possui caráter próprio: "...Brasil e Portugal partilham a mesma língua. Isso não implica, no entanto, que a saudade brasileira não seja por sua vez a expressão singular de um fato cultural que lhe é próprio." (Jesus, 2015, p. 44).

Posto isto, compreende-se que a saudade tem aspectos muito singulares e já recebeu diferentes acepções, como: melancolia, solidão, nostalgia e angústia. Todas elas fazem parte de uma tentativa de traduzir em palavras a imensidão que cabe dentro da saudade e ao mesmo tempo o grande vazio deixado por ela. Entretanto, nem sempre se reflete sobre outras formas de sentir saudade, esperando que esse sentimento sempre parta de uma falta concreta.

De fato, quem sente saudade a sente de alguma coisa qualquer, mas há quem sinta saudade de coisas que não aconteceram, de planos não realizados, experiências não vividas, existentes apenas na imaginação e até mesmo de pessoas que não chegou a conhecer. Ou seja, nem sempre se pode acreditar que a saudade só representa a falta daquilo que um dia esteve em determinado lugar. O que talvez se possa afirmar é que a saudade se encontra em todos os lugares dentro do eu, fazendo parte da jornada de cada um em relação aos outros e a si mesmo.

O papel que a saudade desempenha traz consigo uma constante nostalgia do que um dia se foi e, também, do que se pretende vir a ser. Esse sentimento pode ser visto como uma ferramenta necessária para a compreensão de camadas mais profundas de vários outros aspectos do cotidiano, como a questão do tempo:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe (Rosa, 2019, p. 76).

O trecho supracitado pertence à obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa e traz um exemplo de como a saudade é capaz de superar e transpor os limites impostos pela passagem do tempo através de outro elemento muito importante: a memória. Ela é responsável por reviver e eternizar momentos antigos, além da recriação desses momentos, visto que a memória também é falha. Recontar os acontecimentos cria ainda a possibilidade de recriar a saudade em formas e narrativas diferentes. Empregando as palavras de Adélia Prado, podemos dizer: "O que a memória ama fica eterno. Te amo com a memória, imperecível". (Prado, 1935, n.p)

A conservação do passado que há na saudade é extraída da memória. Entretanto, a percepção com a qual se lida com esse passado é feita no presente, o que configura uma constante mistura de tempos e entendimentos dentro da saudade. Ela é antiga e ao mesmo tempo

nova e sempre se renova quando se lança outro olhar sobre ela. Ou seja, uma das questões da saudade é que não há marcos ou margens para delimitar com precisão se há um fim para qualquer uma, considerando que ela é mutável e sua compreensão também o é.

Por outro lado, a imaginação é também elemento importante para a construção da saudade. Ela é essencial, pois é através dela que o indivíduo tem a possibilidade de inventar determinadas saudades para si. Como mencionado anteriormente, existem saudades que não foram criadas a partir da experimentação de sensações, mas que são possivelmente desejadas. Ainda que não se concentre um olhar analítico sobre elas, são muito frequentes. Qualquer pessoa pode vir a sentir saudade da promessa de um futuro que não ocorreu.

Sendo assim, compreende-se que a saudade é uma construção que parte de nada e ao mesmo tempo de tudo. Do nada, pois é consequência de um vazio deixado por alguma coisa muito marcante, capaz de alterar a realidade anterior e mudar o rumo em diante. E de tudo porque a experiência, ou a falta dela, deixam marcas impossíveis de esquecer. Quando se sente saudade, o presente tende a ser uma eterna espera sem data de que os momentos vividos ou imaginados no passado retornem ou aconteçam no futuro. A esperança de que aquela saudade se desfça no encontro, na realização, é o que pode consolidar o caráter atemporal da saudade, visto que tudo é demorado dentro dela. A saudade é uma fé do coração, uma espera sincera que se manifesta de diversas formas, nem sempre conscientemente. Vai crescendo aos poucos, tomando espaço, no silêncio, se agigantando. Toda vivência se traduz e se multiplica em saudade.

Considerando tudo isso, conseguir representar literariamente o grau de complexidade desse sentimento também se configura como uma missão complicada. A saudade, como supracitado, implica em diversos sentimentos e também em muitas contradições. Para narrar essas oposições, é preciso compreender que se trata de um sentimento muito singular e que cada ser que vive de ou com saudade pode estar ou não consciente dela e de suas consequências e tem diferentes maneiras de demonstrá-la. Muitas vezes, essa representação pode comportar saudades implícitas no comportamento dos personagens, que seguem desconhecidas até mesmo para eles. E, ainda que exista uma crença de um conhecimento coletivo capaz de definir prontamente o que se entende por saudade, existem muitas formas de explicar e todas elas são válidas. Portanto, trabalhar com a saudade envolve reconhecer em si as próprias saudades e ser capaz de se deixar guiar por elas.

## 2. Os caminhos de amor e saudade

O livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, é repleto de pequenas narrativas nas quais temas cotidianos parecem estar encantados. A natureza humana é retratada em conexão com outros elementos, como a paisagem, explorando os sentidos e despertando o olhar para novas maneiras de sentir e perceber o mundo. As vivências são essenciais na construção do ser, que nunca está plenamente pronto. Em algumas estórias, certos sentimentos são mais evidentes que outros, ainda que todas tratem de uma busca incessante ao interior de cada um.

Em “Sequência”, décima estória do livro, o leitor acredita, a princípio, estar acompanhando apenas a jornada de uma vaquinha que, movida pela saudade de seu local de origem, foge da fazenda para a qual havia sido vendida. Contudo, o desenrolar da trama acontece quando o filho mais novo do fazendeiro que a comprara compromete-se com a missão de trazê-la de volta. Essa viagem, aparentemente simples, é o que transforma todo o curso da estória e ressalta a importância que a saudade desempenha ao longo da jornada existencial. É ela quem impulsiona ambos os viajantes, embora apenas um deles esteja consciente disso.

O início do conto indica que a saudade é destino, pois a vaquinha não titubeava visto que “seguiu, certa: por amor, não por acaso.” (Rosa, 2019, p. 65). Não parecia existir a possibilidade de mudar o curso daquele acontecimento, ela apenas estava indo ao encontro do que lhe pertencia e a que ela própria pertencia. Essa informação também demonstra que amor e saudade estão atrelados, numa eterna busca de algo que só pode ser revelado durante a travessia. E o caminho percorrido até a revelação compreende em si uma possibilidade infinita de emoções que poderão ser reconhecidas ou lembradas.

Partindo dessa premissa, é possível inferir que a viagem para a qual o rapaz se destina pode ser considerada uma obra da Providência, na qual a vaquinha desempenha o papel de condutora pois, como afirma o narrador, “A vaquinha providenciava” e a estrada funciona como elemento de mergulho em si mesmo, instrumento de profundidade. Além disso, curiosamente, a vaquinha era responsável por guiar o rapaz ao seu destino, embora ele acreditasse estar no comando daquela ação, o que se prova um grande engano ao longo da narrativa. Revelar-se-á um curioso processo de autodescoberta durante o percurso, mais importante do que, de fato, o resgate do animal.

Dessa forma, o rapaz viajava aparentemente ao acaso, questionando-se a todo momento sobre sua capacidade de realizar tal façanha e o estranho empenho que o mantinha naquela busca, embora tenha sido sinalizado que ele “sabia que coisa era o tempo, a involuntária aventura” (Rosa, 2019, p. 66). Ou seja, ainda que demorasse, algo lhe dizia que o desejado se

encontrava ao final da travessia. E o de que ele não se dá conta é de que essa passagem só foi possível porque a saudade nascida naquela vaquinha, de alguma maneira, despertou uma saudade desconhecida que estava adormecida nele. A vaquinha era quem o estava resgatando, sendo a ponte que o conduzia até o amor.

Levando em consideração que esta inquietação provocada pela saudade faz com que ambos, a vaquinha e o rapaz, partam em busca de algo, que certamente ainda está oculto mas será revelado, é possível inferir que essa saudade do desconhecido remonta a vivências muito anteriores ao plano físico em que o ser agora se encontra e pertence à esfera da alma:

À questão de saber como pode ser resolvida a equação que consiste em desejar um objeto ausente ou perdido e satisfazer sua falta criando, através de sua satisfação, seu contrário, Braz responde afirmando que “é o corpo que sente a falta, mas é a alma que deseja, ou seja, é a própria alma que se põe em movimento para representar para si mesma e adquirir o objeto de seu desejo. A importância desse desejo, que está na origem da manifestação da saudade, sob a forma de estado d’alma, constitui um dos elementos motores primordiais desse sentimento identificado por dom Francisco de Mello como uma “paixão da alma” (Braz apud Jesus, 2015, p. 48).

A saudade é um modo de sentir que torna possível reconhecer aquilo que outrora se viveu ou se pode, de alguma forma, reviver em algo novo. A experiência prévia ilumina o presente, anunciando que o agora é uma continuação do que já se viveu anteriormente. No ontem, residem respostas e, talvez, propostas, para o hoje e o amanhã.

Assim, a estória vai criando seu rumo enquanto acompanha as duas viagens entrelaçadas: a vaquinha que segue incansável pelos caminhos (des)conhecidos que a saudade vai traçando e o rapaz, que ao, segui-la, está criando uma estória nova e própria, deixando para trás a que construiu como filho do fazendeiro. Ao longo desse caminho, que a vaquinha monta e remonta, o rapaz compreende-se secretamente movido por um estranho sentimento, ainda que alheio às suas motivações ou que sequer seja capaz de identificar e nomear propriamente como saudade. Esse caminho é construído e reconstruído por seus viajantes que enxergam apenas uma paisagem sem fim, com a promessa de encontro, como uma pintura que estava se desenhando ao caminhar: “Só via os longes de um quadro. O absurdo ar. Chatos mapas. O céu de se abismar.” (Rosa, 2019, p. 67).

O tempo que ambos passam percorrendo esse caminho também é imprescindível para a representação da saudade no conto, visto que, durante essa travessia, o rapaz constrói pensamentos intrigantes sobre os motivos que o levavam a seguir, e as coisas mudam de importância diante dessas reflexões. A vaquinha, ainda que com dificuldades em cumprir sua jornada, seguia na dianteira, com vantagem, enquanto o rapaz lutava para diminuir a distância e encontrar respostas aos seus pensamentos, tornando o tempo mais precioso, decisivo, pois o rapaz supostamente precisava retornar para mostrar seu valor e a vaquinha precisava chegar ao

seu destino. Os dois travavam pequenas e silenciosas batalhas nesse percurso, enquanto experimentavam as muitas sensações que acompanham o sentimento que se entende por saudade.

Vale ressaltar que, nesta estória, a vaquinha sofre do mesmo mal de saudade que o rapaz que a segue, ainda que o objeto do seu sofrimento seja diferente. Alguns autores, como Joaquim de Carvalho, defendem a tese de que animais não seriam capazes de ter sensações como essa, alegando que “a saudade só pode se manifestar no seio de um espírito consciente” (Carvalho apud Jesus, 2015, p. 47), e defendem que tal capacidade seja algo inerente ao ser humano. Esse sentimento, próprio e puramente humano, estaria vedado aos animais, que apenas seriam capazes de perceber o “real sensível”, longe da profundidade psíquica que a alma humana alcança. Contudo, a vaquinha de “Sequência” consegue demonstrar que sente e esse sentir é tão relevante e forte como o de um humano.

Em Rosa, não há limitações para os sentimentos em animais. Ao contrário, eles são capazes de desfrutar de vários deles. Não são tratados meramente como bichos irracionais, mas sim como criaturas que também fazem parte da criação divina no mundo. Portanto, eles também sentem, provocam sentimentos e têm ideias. Além disso, o sentimento que essa vaquinha nutria é responsável por conduzir este rapaz, despertando-o para o destino que o esperava. Como mencionado anteriormente, ela era uma enviada da Providência para que a viagem se cumprisse. Acrescenta-se, ainda, o fato de que, a todo momento, sua saudade é potencializada através da força e determinação que ela emprega para chegar ao seu destino.

Decerto, essa vaquinha representava um elemento divino. Ela tinha uma missão maior que a satisfação de pôr fim à sua própria saudade nesta estória, pois lhe cabia conduzir o rapaz que estava alheio aos seus próprios sentimentos. Contudo, o sentimento representado através dela é tão forte que é capaz de fortalecer o filho mais novo que a segue mesmo com todas as suas dúvidas. A saudade presente nesta caminhada está repleta de incertezas e de um grande vazio para ele, mas cheia de certezas para ela. Dessa forma, é através desse jogo entre dúvidas e certezas que eles seguem viajando juntos, mas não em uma mera “perseguição” como faz parecer o começo da estória.

A vaquinha sempre à frente, consolidando seu papel de condutora, segue resoluta e o rapaz, que vai observando o caminho, e às vezes se distrai da própria ideia de resgatar a vaquinha, contempla a paisagem e reflete sobre ela. É interessante observar como, nesse trajeto, a maneira como alguns elementos da paisagem são descritos/pensados por ele também parece reforçar como ele aceitava que deveria seguir, ainda que desconfiado do motivo e do resultado

final: “O rio, liso e brilhante, de movimentos invisíveis. Como cortando o mundo em dois, no caminho se atravessava – sem som.” (Rosa, 2019, p. 67).

Essa observação sobre o rio provavelmente é uma metáfora muito interessante, que permite diversas maneiras de interpretação sobre como os pensamentos do personagem ao longo de sua travessia se assemelham à experiência mutável da natureza. O rio, ainda que pareça o mesmo, nunca é igual. Além disso, também é possível inferir que o rio, em constante transformação, tem sempre o mesmo destino, mesmo que suas ramificações percorram outros caminhos, já que o seu destino é sempre chegar. No caso do filho do fazendeiro, seu destino também é chegar, mesmo que ele ainda não saiba onde. Embora, como predito, o rapaz já tivesse uma vida percorrida antes desse mergulho em si mesmo, o encontro com a sua saudade só foi possível quando ele se libertou do medo de seguir, ainda que com dúvidas. Aqui é possível perceber a força transformadora que a saudade desempenha e a relação simbólica que o rio produz com a “metamorfose” que ocorre dentro do filho do fazendeiro.

Logo em seguida a esta reflexão sobre o movimento do rio, é perceptível que ambos os personagens estão se encaminhando para o seu ponto final. Lá, estaria a explicação para acalmar a alma do rapaz que seguia atormentado pelos mais diversos sentimentos, pois parecia não estar acostumado a viver por si só e seria mais sensato desistir e voltar para o que já conhecia, ao lado do pai. O filho de Seo Rigério, desconstruído na vida, estava prestes a encontrar seu destino e sabia que forças aquém ou além do seu entendimento o conduziram até ali.

E esta é uma característica muito marcante da estória: o signo da Providência que caracteriza uma parte da força condutora da saudade: a saudade carrega um significado além do que se pode entender, ainda que faça todo sentido para quem convive com ela. E o rapaz infere, próximo ao destino, que uma estranha saudade, até pouco tempo alheia à sua consciência, o fez percorrer todo esse caminho: “Por certo não passaria, sem o que ele mesmo não sabia – a oculta, súbita saudade.” (Rosa, 2019, p. 67-68).

Então, se aproxima o grande ápice da narrativa: o encontro. Tanto o encontro da vaquinha com seu tão esperado lar, quanto o encontro do rapaz com sua enorme e desconhecida saudade. Dessa forma, o leitor consegue perceber que ambos estavam encontrando seu lar, porém de maneiras diferentes. A vaquinha estava, sim, em busca de suas terras, mas também de voltar a viver o amor que sentia nela e por elas. Já o rapaz estava se reencontrando com o amor, nele descobrindo seu verdadeiro lar.

Esse momento de encontro é marcado por uma sensação de ansiedade, pois o tempo para quem sofre da angústia da saudade passa mais devagar e talvez também por certo medo, visto que estavam cada vez mais próximos do destino encaminhado por essa mesma saudade



na busca de seus amores: “O rapaz: obcego. Sofria como podia, nem podia mais desespero. O arrepio negro das árvores. O mundo entre as estrelas e os grilos. Semiluz: só estrelas. Onde e aonde? A vaca, essa, sabia: por amor desses lugares.” (Rosa, 2019, p. 68).

Neste ponto, saudade e amor caminham lado a lado, comprovando o papel que um desempenha em prol do outro, como Rosa bem pontuou ao escrever que “Amor é a gente querendo achar o que é da gente”. A saudade foi, ao longo de toda a caminhada, o que estava direcionando ambos a encontrar o amor que lhes pertencia. Atentando para isso, em um poema, intitulado “Lugar. Casa. Hogar”, há um trecho em que a sensação do encontro com o amado é semelhante a encontrar no outro o seu próprio lar e a poeta Elvira Sastre consegue traduzir de forma bem semelhante o que acontece quando o rapaz chega ao seu destino: “Poderia lhe dizer que para mim qualquer lugar é minha casa se é você quem abre a porta”. (Sastre, 2014, n.p)<sup>1</sup>.

Neste instante, o encantamento se desvela quando o rapaz percebe que a espera era recíproca, ou seja, que ele também era esperado. Ele chegou como se já fosse conhecido, pertencente àquela casa, pois tudo indicava que ele já era dali. A sensação, ainda que surpreendente, era de pertencimento. O desenrolar dos acontecimentos parecia se encaixar com extrema naturalidade, o que provava que a saudade encoberta precisava apenas de um empurrãozinho para se revelar, como uma flor que está desabrochando. O sentimento, antes encoberto em botão, foi alimentado e agora desponta no ápice da travessia.

O rapaz, então, percebe a moça, que se destaca perante as outras, se fazendo notável, e a consciência dele desperta: “Inesperavam-se? O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido.” (Rosa, 2019, p. 68). As incertezas agora caem por terra, demonstrando que toda a imprecisão tinha uma razão de ser. Novamente, é possível perceber a condição “espiritual” da saudade, o agir da Providência sobre os personagens. Mesmo sem a clareza necessária que a mente racional do rapaz teimava em exigir, tudo foi premeditado por uma força muito maior, acima da capacidade de qualquer entendimento. Entender com o coração é uma das maneiras em que a fé se manifesta e a vaquinha, guia iluminada, foi o instrumento que providenciou o encontro, no qual o entendimento real estaria ao final da estrada.

Essa saudade de um momento que ainda está por vir é uma das formas que este sentimento encontra para florescer na alma humana. O filho do fazendeiro, provavelmente, já convivia com algum incômodo pertencente ao conjunto complexo que chamamos de saudade, que também o conduziu a seguir nessa jornada. Fica implícito ao leitor que o rapaz foi tocado por alguma força que transcendia seu próprio entendimento, pois tudo parecia indicar que a sua

---

<sup>1</sup> “A ti podría decir-te que para mí cualquier lugar es mi casa si eres tú quien abre la puerta” (Tradução de Livia Collares)

missão de resgate seria um fracasso. O que ele próprio não podia adivinhar é que ele estava resgatando a si mesmo. A propósito, a vaquinha, que era o objeto do seu resgate, foi o “presente” que ele reservou à sua amada: “Da vaca, ele a ela diria: – “É sua.” (Rosa, 2019, p. 68)

Neste final, o leitor pode inferir que a vaquinha representou a promessa de um casal que acabava de se formar e estava ainda a se reconhecer, pois se tratava mesmo de amor: “Suas duas almas se transformavam? E tudo à sação do ser. No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se”. (Rosa, 2019, p. 68). É importante notar o uso do termo “sacao”, indicando que tudo ocorreu no tempo próprio e destinado aos dois, o tempo da saudade.

Em “Sequência”, a saudade se estabelece como uma força contra a qual não adianta lutar e não faria sentido sequer tentar. Ao invés de tratá-la como algo puramente negativo, Rosa torna este sentimento uma potência motriz para a transformação na vida do rapaz, o impulso que o faz tomar as rédeas da própria vida e (re)descobrir o amor. É uma saudade que cria movimento, que constrói soluções e gera confiança ainda que haja medo. Essa saudade é uma fé de coração e transparece em ambos, como um espelho, mostrando um reflexo encarando a si mesmo. O eu de agora, de cada um dos dois, se reconhece e acontece de novo em outra forma de existir, não mais solitário com sua saudade, mas completo com o objeto dela.

### 3. A travessia solitária da saudade

Em “A terceira margem do rio”, sexta estória de *Primeiras estórias*, a saudade se faz presente diante da ausência em todos os momentos, o que se percebe através da narrativa de um evento passado que desencadeia uma reação dolorosamente interminável. Essa sensação é suscitada pelo sentimento de perda que está entremeado à forma pela qual o narrador decide conduzir sua narração.

O pequeno conto de três páginas, assim como a criação de uma terceira margem presente no título, parece estar dividido em três momentos, considerando o tempo individual do narrador: o antes, o depois e o agora, seguindo esta ordem. É um tempo que ignora a realidade em si e relata os acontecimentos de acordo com o interior do narrador personagem. O que determina a importância dada aos eventos mencionados é a forma como eles alteram o destino dos personagens ou neles marcam profundas impressões ou cicatrizes.

Essa divisão diz respeito ao fato de, neste conto, ter acontecido um evento que alterou todo o curso da vida que viria a seguir. Esse depois que foi continuado e relatado é a vida sem o pai, ausente e presente ao mesmo tempo. E esse mesmo depois se apresenta mais adiante como o agora, sem solução, no qual o filho se encontra ao final do conto remoendo as mesmas dores, com a consciência da covardia, pois faltou-lhe coragem para trocar de lugar com o pai. Em todos esses momentos, a saudade parece ser o que faz a ligação, é o que sensibiliza e convence o filho a permanecer, mas não é suficiente para um possível final feliz, considerando as palavras de Augustin de Tugny:

A saudade não mata, ela mantém vivo quem sofre dela, ela instala o sujeito em seu tempo de origem e destino, ela assegura tanto os limites quanto os sonhos e a imaginação. E também ninguém mata a saudade, mas toda tentativa de acabar com ela a renova, instaura-a de novo. Afinal, “morrer de saudade” é dizer desse doce sofrimento que ela inflige, e “matar a saudade” é tentar se livrar dela para a ela melhor se entregar (Tugny apud Jesus, 2015, p. 8).

No começo da narrativa, um filho retrata a visão que todos tinham de seu pai e que provavelmente correspondia à que sua família acreditava ter sobre o homem, como tentativa de justificar uma atitude considerada um desatino. O primeiro parágrafo já propõe uma demonstração de nostalgia, na qual o filho evoca à memória o homem “cumpridor, ordeiro e positivo” (Rosa, 2019, p. 37) que antigamente configurava seu pai. Percebe-se desde o começo que a lembrança desempenha um papel importante na construção do rapaz, que se une a este pai através de suas poucas memórias e das memórias de outrem. Além disso, ao descrever o pai, o filho não percebe que também está espelhado nele o seu próprio futuro.

A peripécia presente neste conto, como é narrado na primeira página, diz respeito à construção de uma canoa pelo pai, sem aviso prévio, sem explicação e muito menos sem sentido para os que ali ficaram. O ato que se descreve é um enigma para todos, principalmente para este filho: “Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação.” (Rosa, 2019, p. 37)

É importante ressaltar que nunca existiu verdadeiramente uma viagem, visto que o pai apenas permanecia vagando pelo rio e isso era um motivo de agonia para todos, principalmente para o filho que se encarregou de narrar os fatos. Os motivos de uma atitude considerada tão absurda eram alheios ao entendimento deles, o que permitia apenas conjecturas de todas as partes. As especulações também partiam do filho ao longo de sua narração pois, em nenhum momento, qualquer um dos personagens tem acesso aos pensamentos ou sequer às falas do pai e, obviamente, o leitor também não.

Na verdade, essa é uma característica marcante do conto: só temos acesso aos pensamentos e sentimentos do filho que ficou. Tudo é filtrado pelo seu olhar e sua percepção, o que causa certa empatia por parte do leitor, que fica sensibilizado com a narrativa da dor, feita por um filho que sempre esperava, ainda que não soubesse exatamente o quê. A relação que esse filho parecia nutrir com o pai também se apresentava como singular, de algum modo, pois o único possível “adeus” foi dedicado a ele: “Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: – “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás.” (Rosa, 2019, p. 37)

Em vista disso, esse filho se responsabiliza pela saga de contar o sofrimento da família e o seu próprio, esclarecendo ao leitor que o pai nunca voltou mas, ao mesmo tempo, sempre esteve ali. É nítido que grande parte da indignação de todos os conhecidos e do desconsolo da família se deve ao fato da presença muda daquele pai. Era inadmissível que ele tivesse abandonado tudo, por vontade própria, para viver à deriva, e o próprio filho confessa em choque que “a estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente” (Rosa, 2019, p. 38), provando o quão incompreensível era aquele comportamento para os membros da família.

Vale ressaltar que, mesmo diante do acontecido, ainda restava alguma esperança de que o arrependimento ou cansaço fariam com que o pai desistisse do que a família considerava uma triste sina. Nenhuma justificativa levantada nas hipóteses de parentes e amigos parecia bastar para aceitar aquilo. Percebe-se que era muito mais tolerável para eles que, em algum momento,

ele se decidisse por partir de vez, o que reforça a ideia de que a presença que ele mantinha parecia completa indiferença a essa família e seria melhor suportar seu afastamento definitivo. Eles aguardavam que alguma “ordem da Providência” o encorajaria a encerrar a ampliação daquele sofrer:

Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s’embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa (Rosa, 2019, p. 38).

Entretanto, o grande engano consiste em acreditar que a vontade deles exerceria alguma influência no comportamento daquele homem. Ele havia escolhido se recolher e nada parecia capaz de demovê-lo daquela ideia, que, inclusive, poderia ser também da ordem da Providência. Outro fato surpreendente é que o filho, mesmo tão jovem, enfrentando a dor da ausência e do que seria considerado um ato de rejeição, continuava se preocupando com o pai, levando alimento e acreditando que o fazia sem o conhecimento de sua mãe. Mais tarde, isso irá surpreendê-lo também, pois vai perceber que a mãe sabia o que ele fazia e nunca disse nada. Isso demonstrava que não apenas o pai escondia e pouco demonstrava, mas também o filho e a mãe, configurando uma característica no comportamento daquela família.

Desse modo, o leitor percebe que mesmo com a ausência desse pai, a mãe continuava regendo a família do jeito que lhe parecia o mais sensato, ainda que tratando desse tema em silêncio. A falta que ele havia deixado era significativa para todos eles, mas a vida continuaria ainda que não conseguissem desvendar o que consideravam o mistério que levou o homem a vagar pelo rio. Todos estavam acostumados a viver seguindo os moldes do que as pessoas esperavam das outras e não a refletir sobre outras possíveis modalidades de existir. Conviver com a saudade seria a única opção que lhes restou.

O filho, então, segue contando sobre o passar do tempo e questionando como era possível a sobrevivência do pai diante das condições adversas que ele enfrentava. Ele reforçava que, ainda que acostumados com a ausência, nenhum deles conseguia, de fato, aquiescer com o que aconteceu. O pai deixou de ocupar um lugar físico na vida deles e passou a morar nos pensamentos de cada um. E, nesse sofrimento mudo da saudade, passaram-se anos, todos eles repletos de indignação e incompreensão mudas, principalmente do filho narrador. Este sempre pontuava que o pai estava “sem fazer conta do se-ir do viver” (Rosa, 2019, p. 39), o que demonstra que ele havia criado um tempo único, vivendo em sua terceira margem do rio.

Assim, a vida ia passando, as coisas mudando, e este filho permanecia congelado no mesmo lugar. Como ele mesmo pontua: “os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos” (Rosa, 2019, p. 40). À sua volta, se construíram outras maneiras de viver, não restritas

apenas ao sentimento de saudade, mas em conjunto com ele, com outras experiências e possibilidades. Contudo, ele continuou ali, esquecendo que deveria ser o protagonista de sua própria jornada, enquanto assistia à família se tornando novas famílias. Ele vê a irmã se casar, o irmão se mudar e a mãe ir embora para ficar com a filha. No entanto, ele é o único que não consegue partir, quase como se estivesse destinado a esperar que um dia o pai voltasse para casa, ainda que recebesse todos os indícios de que aquilo talvez nunca ocorresse. O próprio filho evidenciava que era o seu papel esperar pois ele constata: “Eu permaneci, com as bagagens da vida” (Rosa, 2019, p. 40)

Partindo dessa premissa, é importante questionar se a saudade que esse filho sentia é responsável por deixá-lo paralisado no tempo, tendo em vista que ele nunca conseguiu construir um caminho para si. Diferente, por exemplo, de Riobaldo, narrador protagonista de *Grande sertão: veredas*, que era movido pela saudade e que conta o que muito viveu, esse filho permanece no mesmo lugar, sempre inquirindo os motivos do pai, a sua suposta “falta de afeto” e ignorando que tinha esquecido de si mesmo. Como o personagem de Riobaldo pontua, “...toda saudade é uma espécie de velhice” (Rosa, 2019, p. 36) e esse filho envelheceu remoendo todas as saudades que tinha e as que ele próprio criou.

Consequentemente, este filho acabou por seguir os passos do pai em rumo à solidão, visto que os traços de sua personalidade se assemelham aos dele. As pessoas enxergavam nele a personalidade do pai, ainda que ambos tivessem convivido por pouco tempo. Aparentemente, pai e filho estavam lado a lado, embora separados por um rio, em um silêncio cheio de saudade e perguntas da parte do filho. O fato de esse filho continuar ali, levando comida, roupas, observando era o que os mantinha unidos. Parecia que ambos tinham escolhido a solidão um do outro como companhia, em uma promessa muda.

Neste ponto da estória, ambos estão solitários e o leitor continua sem ter acesso aos pensamentos do pai ou qualquer comunicação da parte dele, que continuava vagando pelo rio. O filho já sofria o ápice de sua angústia por testemunhar o envelhecimento do pai e ele próprio também começava a sofrer com a velhice. E, depois de tantos anos, ele ainda não conseguia compreender o que levou seu pai a abdicar de uma vida que seria considerada normal para viver uma vida tão penosa e solitária. Obviamente, esta percepção é uma concepção do filho, que não enxergava que seu pai encontrou algum propósito ou até mesmo satisfação com a vida que seguiu. A saudade não o fazia discernir que aquilo não era uma forma de se punir ou sequer punir a família, mas sim um novo jeito que ele encontrou para dar razão ao seu existir.

É perceptível, nas últimas considerações do filho, o desconforto que a saudade causa, visto que ela é sempre acompanhada de outros sentimentos, como a solidão, a falta e o medo.

Podem ser atribuídas a ela até mesmo “dores físicas”, como o leitor encontra nas palavras do filho referindo-se à possível solidão com que o pai tinha que lidar: “Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto...” (Rosa, 2019, p. 41). Aqui, o filho mostra que essa ausência é motivo de uma dor sem fim, que vem da alma e do coração. Contudo, é uma dor solitária porque é uma condição particular, pois ele a criou e alimentou por todos esses anos sozinho. Ele se sentia culpado por uma coisa que estava além do seu entendimento e, principalmente, fora de seu domínio.

Como mencionado anteriormente, a saudade é um sentimento complexo, repleto de nuances que se manifestam de formas diferentes. Ao longo do conto, o filho vai narrando sentimentos que partem todos de um mesmo ponto: a saudade. A exemplo disso, é verossímil destacar alguns deles, como a nostalgia que se faz presente na maneira como ele narra a personalidade do pai e ao mencionar a família. Também decorrem da saudade a falta e a melancolia que sucedem a “partida” do pai e o fato de ter que aprender a conviver com aquela ausente presença ou presente ausência. E também a solidão, quando todos seguem um rumo e ele continua “parado no tempo”.

Posto isso, ao final da estória, este filho, que se atormentava com uma culpa injustificada que ele mesmo se atribuiu, visto que tudo indicava que nenhum elemento externo poderia ter alterado a fatídica decisão do passado, resolve trocar de lugar com o pai. Neste momento, o narrador toma a decisão mais importante da sua vida, como se, ao assumir o lugar do pai, estivesse terminando de cumprir por ele o “fardo” daquela estranha missão, tal como ele ao longo do tempo insistiu em considerar:

Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: *“Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto...Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...”* (Rosa, 2019, p. 41).

Neste instante, há um súbito rompante de coragem ou talvez de loucura, que o faz rogar pela troca de lugar, como uma tentativa desesperada de se eximir dessa culpa que o desassossejou por tanto tempo. Além disso, era a chance de “livrar” o pai dessa vida a esmo e de seus percalços, colocando-se à disposição para “sofrer” em seu lugar. É interessante observar que ambos estiveram à margem um do outro durante todos esses anos.

Infelizmente, este ímpeto não possuía a coragem necessária para enfrentar o desconhecido. Ainda que surpreso com o gesto do pai e sua aquiescência muda, depois de “tamanhos anos decorridos”, como o próprio filho pontua, ele se deixa tomar pelo medo e acaba por desistir da ideia. Dessa vez, é o filho quem “abandona” o pai, fugindo do homem que ele

sempre quis que retornasse, mas que configurava apenas um estranho para ele depois de anos de distância.

Finalmente, esse filho que permaneceu por tanto tempo acredita que falhou com o pai. Ele afirma que está pedindo um perdão, provavelmente destinado à Providência, pois não conseguiria fazê-lo para o pai, em um ato que demonstra que ele próprio não é capaz de se perdoar. Parece ser mais uma culpa que ele irá carregar:

Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio (Rosa, 2019, p. 41).

Assim, o conto termina deixando em aberto as possibilidades de um final para ambos os personagens. Aquela saudade, que foi capaz de fazer com que o filho abdicasse de construir uma vida, não foi capaz de refazer o encontro, de pôr fim ao sofrimento dele. O leitor nunca será capaz de descobrir se ambos se encontraram em vida ou, como o filho indicou nesse último lamento, apenas na morte.



## Considerações finais

Guimarães Rosa criou as mais diversas histórias, tratando dos mais variados temas e abordando todos eles com uma criatividade e sensibilidade impressionantes. Conseguiu representar em suas obras toda a vivacidade dos sentimentos e, até mesmo, uma certa autonomia que cada um deles parece desempenhar no ser humano. Assim, sua desenvoltura não seria diferente com um sentimento tão importante como a saudade.

Ao trabalhar as particularidades desse sentimento que é tão individual e ao mesmo tempo tão coletivo, Rosa aborda tanto em seus contos como em seus romances, as múltiplas facetas que compõem a saudade, sejam elas conscientes ou não, partindo de seres humanos ou de animais. Além disso, como dito anteriormente, a saudade é comum a todos os povos, ainda que com especificidades e significados expressos de formas diferentes.

Em “Sequência” e “A terceira margem do rio”, Rosa apresenta a saudade de experiências e modos de sentir diferentes, ainda que todos eles partam de um sentimento em comum. Em cada uma, este sentimento se entrelaça ao personagem e à sua jornada, desempenhando um papel muito importante e singular ao longo do desenvolvimento dos acontecimentos.

Em “Sequência”, o tema da saudade acontece de uma maneira mais explícita, visto que ela chega a ser mencionada como saudade em si e é o sentimento responsável por impulsionar a vaquinha a retornar ao seu local de origem e, dessa forma, despertar o filho do fazendeiro para sua saudade “escondida”. Essa saudade encorajadora é tratada como obra do divino, pois desde o começo o leitor recebe a informação de que essa vaquinha “trabalhava” a ordem da Providência, já que ela “providenciava”.

Nesse conto, duas saudades são narradas, pois ambos os personagens estão sendo guiados por elas: uma explícita, conhecida e outra que ainda precisava de incentivo para ser reconhecida, que brotava em silêncio e sem entendimento. O leitor percebe que essa segunda saudade guiava o filho do fazendeiro, embora ele estivesse alheio a essa percepção. No entanto, ele logo descobriria um motivo maior por trás de sua insistência em perseguir a vaquinha: era uma saudade que aguardava essa descoberta e se revelaria aos poucos durante a travessia.

Aqui, o rapaz vai descobrindo, enquanto o leitor acompanha seu esclarecimento em meio às dúvidas, que essa motivação era a tal estranha saudade que o conduzia, fazendo com que ele não desistisse de sua busca, ainda que a considerasse descabida quando enfrentava uma batalha com a sua racionalidade. É uma saudade que possivelmente acontecia, como nas palavras de Rosa, relacionada ao chamado do amor, “Quieto; muito quieto é que a gente chama

o amor: como em quieto as coisas chamam a gente” (Rosa, 2019, p. 333), visto que ambos, amor e saudade, são sentimentos entrelaçados.

Posto isto, é possível perceber que se trata de uma saudade da esfera da alma, que constitui uma ideia de pertencimento, talvez muito além do entendimento dessa vida. Tanto que os enamorados, ainda que inconscientes de sua condição, precisam se encontrar para concretizá-la e, ao mesmo tempo, finalizá-la. Essa saudade é descrita como movimento, na qual o indivíduo constrói o seu caminho durante a caminhada. Ainda que repleta de incertezas, ela está certa em seu objetivo: chegar.

Acompanhar a travessia do rapaz e da vaquinha reforça também o caráter positivo que a saudade desempenha nesta estória, que não precisa de explicações racionais, mas, ao se permitir ser sentida, vai justificando sua própria existência. Ela se apresenta como um sentimento genuíno, ponte para o desconhecido, que se realizará em algum momento ao final da travessia. Ela pode ser entendida como uma saudade bonita, que espera se movimentando e acreditando que por trás dela existe uma força muito maior.

Aqui, a saudade não é narrada como objeto de tristeza e angústia, mas sim de promessa. Do início do conto até os seus momentos finais, existe a esperança de que o propósito da vaquinha se realize e de que o rapaz encontre o seu também. Ainda que ele não tenha certeza, o seu propósito foi construído durante o caminho e a saudade foi responsável por essa metamorfose. Assim, ele deixou a vida que tinha antes e foi buscar a vida que estava destinada a ele.

Diferente dessa saudade que foi benéfica para a realização do encontro, em “A terceira margem do rio”, este sentimento permanece encoberto no narrador da estória e pode ser percebido através do sofrimento que transparece em seu relato sobre a própria vida e a percepção que ele tem dos fatos que o levam a contar esta estória. Enquanto narra, muitos dos sentimentos característicos do sofrimento da saudade estão presentes, ainda que não denominados como tais.

O filho que narra a decisão do pai, que afetou a todos mas principalmente a ele, sofre com a ausência, vive solitário e isolado. Não consegue seguir com a vida pois fica preso a um sentimento do qual ele não consegue se libertar e que considera como culpa. Só que essa culpa é injustificada, visto que nada poderia ser feito para mudar a escolha de seu pai. Assim, é perceptível que além dessa culpa, outros sentimentos o mantinham preso naquele lugar.

Esse conjunto de sensações que o narrador enfrenta, ainda que ele não os descreva como saudade e que se manifesta de várias maneiras, contém as expressões de saudade, como o sentimento de falta, a solidão, a vontade de estar perto e a melancolia. Esse é o lado ruim da

saudade que paralisa esse filho e o faz sentir falta, inclusive, das coisas que ele nunca chegou a viver ao lado do pai.

Em “A terceira margem do rio”, a saudade se confessa ao longo da narrativa em pequenos detalhes, como por exemplo, na espera silenciosa do filho que acredita que um dia o reencontro vai acontecer, que o pai vai mudar de ideia e que enfim ele poderá entender o que o levou a tomar aquela decisão. Ao contrário de “Sequência”, a saudade aqui é paralisante, causa angústia e tem um caráter negativo, mostrando que nutrir esse sentimento também pode ser ruim quando ele é capaz de adoecer a vida no presente.

## Referências:

JESUS, Samuel de. Saudade: Da poesia medieval à fotografia contemporânea, o percurso de um sentimento ambíguo - 1ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RODRIGUES, Wallace *et al.* Reflexões sobre memórias como rupturas na poesia de Cora Coralina e de Adélia Prado. Revista de Agon, vol.3 num. 7. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/agon/article/view/136740/90425>.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas - 22ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias - 1ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2019.

SASTRE, Elvira. Baluarte - Lugar. Casa. Hogar. 2014. Disponível em: <https://www.poesi.as/es14b08.htm>.